



## ***Maracanazzo: o papel do rádio na “maior tragédia nacional”<sup>1</sup>***

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro<sup>2</sup>

Faculdades Integradas Hélio Alonso FACHA-IGEC, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

16 de julho de 1950. Esta data marca um dos momentos mais tristes da história do esporte nacional. Em um Maracanã lotado o Brasil perdeu uma Copa do Mundo “ganha” para o Uruguai no chamado *Maracanazzo*. Como principal meio de comunicação da época, o rádio teve papel decisivo na comoção que a derrota causou à sociedade brasileira. A união rádio e futebol, que tinha tudo para ter sua tarde mais feliz, levou a identidade nacional, construída na década de 30, a um colapso.

**PALAVRAS-CHAVE:** futebol; jornalismo esportivo; rádio; Copa de 1950.

### **Introdução**

Durante os anos 30, Getúlio Vargas começou a construção da identidade nacional e teve no rádio e no futebol seus principais pilares. A realização da Copa do Mundo de 1950 seria o último tijolo dessa obra iniciada por Vargas. O orgulho de ser brasileiro estava no auge e mostrar ao mundo a capacidade de realizar uma Copa e, principalmente, ganhá-la era o fator fundamental para essa euforia. O país que parava para ouvir os programas de rádio teria na emoção dos locutores mais um motivo para confiar na vitória do Brasil na Copa do Mundo.

Dessa forma, a tarde de 16 de julho de 1950, seria a grande celebração de uma festa e de uma conquista aguardada por toda uma população. O segundo gol do Uruguai derrubou todos esses alicerces e fez o país chorar através do rádio. A cobertura da imprensa foi pautada pelo veículo, que mostrou a sua importância na sociedade brasileira.

### **Rádio e Futebol – o casamento perfeito**

O governo Vargas no Brasil foi responsável pela transição da população do campo para a cidade. A industrialização e a urbanização de forma acelerada concretizaram-se nesta época. Na política, mesmo assumindo provisoriamente e com a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Pós-Graduado em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso - FACHA e Instituto de Gestão e Comunicação – IGEC, email: [filipemostaro@hotmail.com](mailto:filipemostaro@hotmail.com).



Constituição de 1934, Getúlio instaurou o Estado Novo em 1937 e ia precisar ainda mais unificar o país em torno de suas ideias. Os valores da pátria estavam no auge, sentimentos nacionalistas e a deglutição cultural pregavam um país com orgulho próprio, que precisava se desprender do seu passado, que não dependesse externamente de outros países na economia, que tivesse uma valorização e a consolidação de uma cultura nacional, o que apenas um Estado forte seria capaz de fazer.

Durante o período anterior ao Estado Novo, de 1930 a 1937 o futebol, até então elitista, se torna popular e capaz de mobilizar massas. Sabendo disso, após a Copa Rio Branco em 1932, os jogadores que venceram o Uruguai por 2 a 1 foram recebidos como heróis na Capital Federal, Getúlio saudou os jogadores do balcão do Palácio do Catete. O esporte vai ser usado para criar uma nova “nação”, por atrair grande público, e desta forma sair do amadorismo e se tornar profissional e acima disso, uma instituição nacional. “É preciso coordenar e disciplinar essas forças, que se avigoram a unidade da consciência nacional.” (VARGAS, Apud GUTERMAN, 2009).

Foi logo após a Copa de 1934 que a CBD teve que ceder aos clubes e instaurou a profissionalização no futebol. O momento político e cultural do Brasil instigava o trabalhador assalariado: “As leis trabalhistas são de harmonia social” – como afirmava o próprio Getúlio. Além disso, as elites, baseadas na tradição europeia, pregavam o amadorismo, como uma distinção entre eles e as camadas mais populares. Portanto, numa atitude mais populista do que visionária, que pregava as “verdadeiras raízes brasileiras” e mais para controlar, disciplinar e sindicalizar os jogadores para o que já se enxergava como grande manifestação popular da época passou a se ter jogadores profissionais, culminando com a criação já em 1941 do Conselho Nacional do Desporto.

Apesar da resistência de alguns segmentos mais conservadores, o crescimento da ideologia da construção de uma identidade de povo e de nação, fundada no imaginário do mulato, colabora para a profissionalização. A influência negra e indígena, que no início do século era considerada a negação na identidade Brasil, é agora vista como o fundamento de uma ideologia nacional, a brasilidade. Aliás, uma cultura política que não ficou restrita ao período Vargas (1930 a 1945), mas que perpetrou também a fase nacional-populista subsequente. (RIBEIRO, 2003)

Da mesma forma com que o futebol crescia como cultura popular, o rádio era o veículo de comunicação de massa mais poderoso. Getúlio percebeu que a união de futebol e rádio era inevitável e usou um para difundir suas ideias de nacionalidade através do outro.



O Brasil entra nos anos 30 diante de um grande fenômeno de cultura de massas. O rádio é apresentado como um dos instrumentos que vai promover a integração nacional e o futebol, que vinha se tornando mania nacional, poderia perfeitamente contribuir com isso também. A política, em toda essa história do desenvolvimento do rádio e futebol no país, se aproveitou muito da paixão do torcedor.(...) Enquanto um, o rádio, surgiu como primeiro veículo de comunicação de massa, o outro se transformou no esporte que maior paixão despertou no brasileiro. Ambos nasceram no berço das elites, mas logo se transformaram em mania nacional, com base na emoção e criação de ídolos. (GUERRA,2006)

O rádio não só levou o futebol para todo canto do país, mas realizou um “casamento perfeito” com esse esporte. O rádio leva a vibração, emoção de dentro do campo para o torcedor, pela narrativa do locutor. Esse meio eletrônico vai se incorporar à sociedade brasileira e principalmente ao futebol como parte integrante do mesmo.

Nesse período, o cinema já estava tomado pelos filmes produzidos pelo governo, mas foi o rádio que ganhou enorme importância como veículo de controle social. E o governo Vargas soube usá-lo. O maior símbolo foi a “Hora do Brasil”, que encontrava o ouvinte ainda em casa, de manhã. No entanto, foi a novidade das transmissões esportivas que fez do rádio o companheiro dessa massa de trabalhadores que já se inclinava para Getúlio. (GUTERMAN, 2009, p.73)

O futebol já era uma mania nacional desde a final do Sul-Americano de 1919, quando o Brasil venceu o Uruguai no Estádio das Laranjeiras. O jogo foi tão marcante que a primeira música dedicada ao futebol foi criada por Pixinguinha e o placar do jogo foi o título do famoso chorinho: 1 x 0.

Voltando para os costumes dos anos 30, a primeira vez que futebol e rádio saíram do flerte e deram as mãos para um passeio foi em 1931. Primeira transmissão integral de um jogo foi em 19 de julho desse ano. Nicolau Tuma, com 20 anos, narrou os 10 gols na vitória da Seleção Paulista sobre a paranaense pela Rádio Sociedade Educadora Paulista. O *speaker* metralhadora, por pronunciar até 250 palavras por minuto, entrou para a história do jornalismo esportivo. Um dia que consagraria a união futebol e rádio.

A criatividade dos locutores e o crescente alcance do rádio deram outra dimensão ao futebol. O esporte, que já era popular, tornou-se um ser vivo, pulsante, um drama de cores épicas descrito pelos narradores. Ao ponto de, em 1933, os dirigentes esportivos do São Paulo ameaçarem proibir as transmissões dos jogos porque, em sua visão, elas tiravam o público dos estádios. Ou seja; em certos casos, o



jogo era mais emocionante no rádio do que ao vivo, e isso ajudou a transformar os narradores de futebol em verdadeiras celebridades. (GUTERMAN, 2009, p.74)

Nesse matrimônio, os locutores esportivos eram os responsáveis pela emoção já descrita acima, como um porta-voz da manifestação popular, com termos e bordões de fácil compreensão que facilitavam o entendimento do povo. Assim, se tornaram estrelas tão brilhantes quanto os jogadores.

É interessante observar que o narrador do jogo logo caiu no gosto do povo brasileiro. Fascinou e se incorporou ao próprio jogo, permitindo retomar o papel do contador de histórias, mantendo-o como relator das emoções, de dramas, alegrias, vitórias e derrotas. (GUERRA, 2006, p.1)

Um simples jogo se torna um verdadeiro espetáculo pelas ondas do rádio.

O rádio envolve o ouvinte e permite que ele crie, de acordo com Ortriwano (1985, p.80), “um ‘diálogo mental’ com o emissor”. No caso do futebol, a narrativa possibilita ao espectador imaginar o “espetáculo”, ao contrário da televisão que, por dispor da imagem, não estimula essa recriação mental da partida. A autora destaca ainda um comportamento do público que evidencia a preferência pela narração radiofônica. “Na hora do futebol, muitos torcedores preferem unir a imagem da televisão com a narração do rádio” (MONTEIRO, 2007)

### **1950 – O Brasil chora através do rádio**

Já durante o Mundial de 1938, anunciava-se que o Brasil seria sede da próxima Copa do Mundo, em 1942. Célio de Barros lançou a candidatura brasileira na França. O adversário era forte, a Alemanha de Hitler também queria sediar a quarta Copa do Mundo da História. Mesmo com a construção de estádios novos, a Copa deu um grande lucro nas três primeiras edições. Mas os dois governantes não estavam interessados no dinheiro e sim no potencial de mobilização e de propaganda de um evento como esse. No final, a Copa veio para o Brasil, mas não em 1942, como o previsto mas sim em 1950. A essa altura, nenhum dos dois governantes estavam no comando de seus países. Hitler se suicidara quando as tropas russas se aproximavam de Berlim e a Segunda Guerra Mundial estava perdida. Os reflexos da Guerra atingiram Vargas. Depois de mostrar, como visto em capítulos anteriores, uma inclinação para as forças do Eixo, representado por Itália-Alemanha-Japão, Getúlio entrou no conflito ao lado dos aliados. Uma série de circunstâncias históricas que culminaram com o ataque de submarinos alemães a navios brasileiros no litoral nordestino fez o Brasil participar da Guerra. A



incoerência de um governo ditatorial em lutar pela democracia custou o governo a Vargas. Ao assumir o Governo Provisório em 1930, Getúlio prometia uma eleição democrática, 15 anos depois ela aconteceu e Eurico Gaspar Dutra venceu.

Em meio a todo esse contexto e com a Europa destruída pela Guerra, o Mundial de Futebol foi sediado no Brasil. Com o fim da ditadura, o Brasil vivia um clima democrático e o debate de ideias era usado em todos os meios. A construção do principal estádio da Copa, que encheria de orgulho a nação, foi um desses debates. O locutor e vereador Ary Barroso e o jornalista Mário Filho comandaram a campanha para a construção do maior estádio do mundo na região do antigo Derby Club, enquanto Carlos Lacerda, depois de relutar sobre a necessidade da construção de um estádio, o queria em Jacarepaguá e com uma capacidade menor. Segundo ele o Brasil não teria cimento suficiente para tal obra.

As discussões sobre o local, sobre as características do projeto arquitetônico, sobre a jurisdição municipal ou federal e sobre a capacidade de público correspondiam ao clima acalorado da democracia populista, que debatia de forma manequista: Marlene ou Emilinha, Francisco Alves ou Orlando Silva, Última Hora ou Diários Associados, Carlos Lacerda ou Adhemar de Barros, Ademir Menezes ou Zizinho, Flamengo ou Fluminense, Corinthians ou Palmeiras, UDN ou PSD, nacionalistas ou entreguistas, Estados Unidos ou União Soviética. Em breve Garrincha ou Pelé. Tempos de Guerra Fria e de oposições inconciliáveis. (FRANCO, 2007, p.88)

O país precisava de uma prova que estava mudando e evoluindo, o sucesso no futebol seria uma prova incontestável para as massas. Entre 1945 e 1950 o Brasil cresceu numa taxa média de 8% ao ano. Apesar da alta inflação e a preocupação dos trabalhadores com um possível arrocho salarial, o país respirava novos ares num pós-guerra mundial. A onda de otimismo culminaria com a realização da Copa, Dutra então investiu suas forças nela. Construiu o Maracanã que simbolizaria esse Brasil grande, capaz de grandes obras e de grandes feitos. “O Maracanã seria, do mesmo modo, a prova de que poderíamos eventualmente superar aquilo que de melhor havia na Europa, como prova da pujança nacional.” (GUTERMAN, 2009, p. 90). Ary Barroso e Mário Filho venceram o duelo e o Maracanã foi construído na região do Derby Club e com a maior capacidade de um estádio de futebol no mundo. Essa citação do jornal *A Noite*, no dia da inauguração do Maracanã prova que o estádio não era apenas para o futebol, mas também para encher de orgulho toda uma nação.

O Estádio Municipal é um gigante de cimento armado,



construído para admiração do mundo e para orgulho do nosso povo. (...) mais perfeito estádio do mundo, dignificando a capacidade do seu povo e sua evolução em todos os ramos da atividade humana. (A NOITE SPORTIVA, 1950, 16/6 p.14)

Enquanto isso, durante toda a década de 40 o rádio e futebol intensificaram sua influência e a paixão na sociedade. Em 1947 a Rádio Pan Americana de São Paulo se tornava “a emissora dos esportes” com a implantação do Departamento de Esportes. Depois da Segunda Guerra, surgiram os equipamentos que possibilitaram a presença do repórter volante, que tornou o rádio mais dinâmico, inaugurando uma nova fase no radiojornalismo. Essa nova fase teve influência do radiojornalismo esportivo, já que os repórteres tinham mais mobilidade na transmissão. O rádio ajudou muito na vitória de Ary Barroso e Mário Filho. Os discursos inflamados de Ary levaram a resultados de uma pesquisa do IBOPE de que 79,2% concordavam com a construção do Maracanã e 56,8% acreditavam que o local do Derby Club era o mais indicado. Apenas 9,7% concordavam com Lacerda. (GUTERMAN, 2009)

Além do Maracanã, mais cinco estádios sediariam jogos de Copas do Mundo. Em São Paulo, o Pacaembu; em Curitiba, o Durival de Britto e Silva; Belo Horizonte, o Raimundo Sampaio, conhecido como Estádio Independência. Em Porto Alegre, o estádio do Internacional, Eucaliptos, sediou os jogos. E o Nordeste foi contemplado com apenas um jogo, em Recife, no recém inaugurado estádio da Ilha do Retiro, com capacidade para 35 mil pessoas. O Brasil estava cumprindo a primeira missão, que era organizar o Mundial, e a segunda, que era vencê-lo também estava em curso.

Nunca uma seleção se preparou tanto e concentrou-se tanto para uma Copa. Em março 37 jogadores foram para Araxá, interior de Minas Gerais para treinarem. Cerca de dois meses antes já se sabia quais eram os convocados. Em maio os treinamentos já eram intensivos. O time ainda disputou dois torneios, sendo campeão em ambos. A Taça Osvaldo Cruz, contra o Paraguai e a Copa Rio Branco, contra o Uruguai. Esse último adversário já era colocado como perigoso em um futuro confronto no Mundial. No dia 23 de maio, faltando um mês para a estreia, a Seleção entrou em concentração total. A Casa dos Arcos, situada no, na época, longínquo e fora da cidade Joá, era do banqueiro Drault Ernanny e foi a casa dos atletas brasileiros no Rio de Janeiro. Neste local assistiam a shows promovidos pelo departamento Esportivo da Rádio Nacional e a filmes sobre a última Copa que a CBD possuía. Não era o jogo completo, mas alguns lances de todos os jogos do Brasil na Itália. Só saíam dali para treinos contra times



cariocas.

O país já vivia um clima de euforia com a chegada das principais seleções do mundo, entre elas os ingleses que pela primeira vez participariam do Mundial do esporte que eles tinham inventado. Os jornais o colocavam como franco favorito. “Voaram para o Rio, os favoritos da Copa do Mundo: Inglaterra” (A NOITE SPORTIVA, 19/6/50, p.8). A Rádio Nacional também já estava no clima e anunciava a todos que não eram felizardos de ter em sua cidade um jogo do Mundial, ou não tivessem o ingresso o que tinham de fazer.

Aí então terão que recorrer ao rádio, único capaz de operar o milagre de lhes transmitir a emoção e o desenrolar dos prélios. Por isso mesmo, a Rádio Nacional desvelou-se em organizar um plano e um sistema de irradiação que possibilitassem a cobertura completa do grande torneio. (A NOITE SPORTIVA, 1950, 22/6 p.6)

A emissora da praça Mauá, trabalhou em conjunto com a Rádio Gaúcha e Rádio Guaicará, de Curitiba. A equipe era composta de Antonio Cordeiro, Jorge Curi, Luiz Alberto, que comandaria a transmissão em Belo Horizonte, Pillar Drummond e César de Alencar. Este último, já citado anteriormente, faria sua estreia como locutor esportivo. A preparação para a Copa foi além, a Nacional, contratou dois intérpretes: Rocha Spigel e Murilo Nery, e adquiriu um carro de frequência modulada. Até um boletim diário da Copa em castelhano foi produzido e era enviado para as rádios *Onda Popular* da Venezuela, *Rádio Bolívia*, *Nacional* da Espanha e a *Rádio Carve* do Uruguai. Ajudando a divulgar a Copa por todo o continente e para a Europa. Um programa diário chamado *No Mundo da Bola* também foi ao ar das 18:30 às 18:45, esse “apenas” para o público brasileiro.

Vê-se que a emissora líder do continente emprestou a devida importância ao Campeonato Mundial de Football e veio atender aos interesses e desejos do público brasileiro, ao qual não faltará a eficiência de uma cobertura de todos os jogos, mercê do patrocinador da Cia. Cervejaria Brahma. (A NOITE SPORTIVA, 1950, 23/6 p.6)

Com toda essa preparação, só faltava a bola rolar. No dia 24 de junho, o Brasil estreou e venceu os mexicanos por 4 a 0, no Maracanã lotado. Os jornais foram claros: “Favoritismo não importa, o que importa é vencer.” No segundo jogo, em São Paulo, Flávio Costa confirmava as acusações de que era político demais e escalou os jogadores paulistas para agradar a torcida, resultado: 2 a 2 com a Suíça e o primeiro susto na Copa. O último jogo confirmou a classificação brasileira para a fase final com um 2 a 0



sobre os iugoslavos (vice-campeões olímpicos).

A segunda Copa do Mundo realizada em continente sul-americano também teve 13 seleções. Eram inicialmente, 16 países, mas Portugal desistiu antes do sorteio dos grupos. Detalhe que Portugal já entrara no lugar da Escócia e a França no da Turquia, que igualmente desistiram de viajar ao Brasil. Ficou definido que nenhuma seleção entraria no lugar dos portugueses e um grupo teria apenas 3 times. Sorte para o Uruguai, que viu seu grupo de três, ser reduzido para 2 equipes quando a França desistiu de jogar a Copa. Os compatriotas de Jules Rimet alegaram uma tabela prejudicial, pois jogariam em Porto Alegre e em Recife. Assim, restou aos campeões da primeira Copa do Mundo vencer de forma fácil a Bolívia por 8 a 0 e se classificarem para a fase final.

A outra seleção que desistiu foi a Índia, e deixou o grupo da favorita Itália com apenas 3 integrantes. Para surpresa de todos, os atuais bicampeões mundiais perderam para a Suécia, atual campeã olímpica, na estreia e deixaram os nórdicos se classificarem. Mas surpresa realmente foi o jogo do dia 29 de junho em Belo Horizonte. Os ingleses, favoritíssimos, foram derrotados pelo inexpressivo time dos EUA por 1 a 0, a maior zebra da História das Copas. Rui Viotti transmitiu esse jogo pela Rádio Tamoio. O moral dos inventores do esporte não estava muito bom e os espanhóis se aproveitaram e conquistaram a vaga no grupo.

A tabela proposta pelos brasileiros passou a ser adotada pela FIFA desde então. O argumento era lógico: a eliminatória simples podia fazer um time viajar dias para jogar apenas um jogo. O Brasil já tinha passado por essa situação em 1934.

A fase final se iniciaria com duas zebras: Suécia e Espanha e dois times de respeito: Brasil e Uruguai. Fazendo apenas seu segundo jogo no Mundial, o Uruguai empatou com a Espanha e o Brasil massacrou os suecos por 7 a 1. Com todo o clima de festa criado antes da Copa, os resultados da primeira rodada do quadrangular final deixaram uma única certeza na imprensa e no país: seríamos Campeões do Mundo. A segunda rodada pareceu confirmar o fato. O Brasil fez a sua melhor partida na Copa e venceu os espanhóis por 6 a 1, com o goleiro espanhol Ramallets realizando verdadeiros milagres. Na outra partida, os uruguaios venceram no sufoco os suecos por 3 a 2. Pronto, a festa já tinha data, hora e local marcados: 16 de julho, 15 horas no Estádio Municipal Mendes de Moraes, o Maracanã.

Nesse momento começa um dos maiores capítulos da história esportiva nacional e da história recente do Brasil. A construção de um país capaz, com a miscigenação racial, mostrando suas verdadeiras raízes, um gigante adormecido que ainda ia mostrar



para o mundo seu valor, o orgulho inexplicável de ser brasileiro seria coroado naquela tarde de domingo. No Maracanã, mais de 200 mil pessoas, maior público da História das Copas e de um evento esportivo até hoje, e no Brasil toda uma nação de mais de 51 milhões de pessoas (IBGE) com o ouvido no rádio, já preparando a festa que há tanto tempo o povo brasileiro merecia.

A Copa de 1950 vinha assim num momento em que havia no Brasil o desejo de mostrar orgulho por suas origens e desenvolvimento, uma forma de provar que o país não era somente um lugar musical, luxuriante e improdutivo. A construção do Maracanã e a vitória na Copa dariam uma lição ao mundo. (GUTERMAN, 2009, p.91)

Aliás, a festa já tinha começado em alguns lugares antes mesmo do jogo começar. Em 3 de outubro daquele ano teríamos eleições. No dia 10 de julho, após a vitória sobre a Suécia, o Brasil mudou sua concentração do Joá, para São Januário. Luiz Vinhaes decidiu que o local era mais perto do Maracanã. Ficou também mais perto dos políticos que na véspera do jogo invadiram o estádio do Vasco para conseguir fotos com os “Campeões do Mundo”. O assédio dos políticos foi tão grande que Flávio Costa saiu dali como candidato a vereador pelo PTB. Foi uma verdadeira comemoração antecipada que atrapalhou psicologicamente os jogadores. Barbosa revela que ficou com o braço dormente de tanto autógrafo que teve que dar. (PERDIGÃO, 1986,p.73) Nilton Santos, jogador do Botafogo e da seleção, em *Minha Bola, Minha Vida* lembra aquela empolgação:

Não houve preparação psicológica. Era só euforia. Na semana do jogo, já éramos os campeões. Ganhamos “permanentes” de cinemas e teatros. Foi uma concentração agitada, com muitas visitas, festas, fotografias, entrevistas, muito “já ganhou”. Trocamos a tranquilidade da concentração no Joá pela agitação de São Januário. (SANTOS, 1998, p.67)

O rádio estava lá, acompanhando seu parceiro, o futebol. Após anos de casamento, os dois teriam a sua tarde mais feliz juntos. Na Rádio Nacional, Antonio Cordeiro já preparava o grito de é campeão e a emissora, durante o Mundial já tinha conquistado seu título: foi a mais ouvida em todo o país.

A Rádio Nacional bateu todos os recordes de audiência. Para que se tenha uma idéia, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, pelas ondas curtas, era mais ouvida no interior de São Paulo que as emissoras da capital paulista. A Nacional foi um marco histórico do Brasil e tinha em Antonio Cordeiro o locutor que todos ouviam. (FILHO, 2004, p.46)



Os pontos de venda dos ingressos para a “festa” foram o Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Maracanã e Teatro Carlos Gomes. Ninguém podia comprar mais de dez ingressos. Muita confusão foi registrada, afinal toda a cidade do Rio de Janeiro queria estar lá e contar para as próximas gerações da família que viu o Brasil ser Campeão do Mundo. O técnico Flávio Costa alertou que o Uruguai era o adversário mais forte do quadrangular, fato que foi divulgado em todos os jornais e rádios na época, mas acabou sumindo frente às outras notícias dos preparativos para a decisão, otimismo exacerbado e os palpites de por quanto o Brasil venceria o jogo. Ao meio dia “o maior do mundo” já estava completamente lotado. Quem não conseguiu o ingresso se juntou aos amigos, fez uma festa na rua, no bairro, na praça, enfim, em qualquer lugar que coubesse mais gente, mas sempre em torno do rádio, apenas esperando o apito final para explodir de alegria.

O rádio também alegrava os “sortudos” que estavam no Maracanã. Músicas dos principais nomes do veículo eram executadas repetidamente pelos 254 alto-falantes do “maior do mundo”, dando o contorno de uma verdadeira festa. Luiz Gonzaga, Linda Batista e Lamartine Babo eram os mais tocados. No microfone da Rádio Pan Americana, o maior ídolo brasileiro e artilheiro da última Copa, Leônidas, declarava:

Isso é um espetáculo para mim inédito. Conheci vários estádios de futebol do mundo e ainda não presenciei o que estou presenciando aqui. É uma coisa que comove qualquer cidadão. Por mais indiferente que seja ao esporte, o sujeito se sente neste momento mais brasileiro do que nunca. (SILVA Apud PERDIGÃO, 1986, p.81)

Leônidas poderia ter disputado o Mundial, mas seu desentendimento com Flávio Costa o fez apenas observar a decisão. As palavras do craque no rádio ajudavam a criar o clima no estádio. Mas quem mais criou uma atmosfera de vitória certa e pressão nos jogadores foi o prefeito Mendes de Moraes, um dos maiores defensores da construção do estádio.

Jogadores do Brasil! A batalha do Campeonato Mundial se compunha de duas partes. A primeira: a construção do Estádio, e ele aí está. A segunda é a vitória do Brasil no campeonato. O Governo Municipal, na parte que lhe competia, cumpriu seu dever. Brasileiros, cumpri com o vosso.” (JORNAL DOS SPORTS, 1950, 2/07)

Depois do coro de 200 mil pessoas cantando o Hino Nacional completo, o



Uruguai venceu o *toss* e daria o ponta pé inicial. Pelo Brasil, através do rádio, várias pessoas já se emocionavam de ter ouvido o hino sendo cantado por tanta gente. O jogo ia começar, faltavam pouco mais de 90 minutos para o Brasil ser Campeão do Mundo.

Pelas ondas da PRE-8, Antonio Cordeiro relatava os lances à esquerda da cabine e Jorge Curi relatava os lances à direita da cabine. Os olhos desses dois narradores seriam os olhos do Brasil e suas vozes trariam uma emoção a qual o país nunca ia se esquecer. Logo de saída, Cordeiro narrou um ataque perigoso do Brasil, com Zizinho quase abrindo o placar. O Brasil parecia repetir o mesmo rolo compressor imposto no jogo contra a Espanha, o barulho da torcida era muito forte. Aos 14 minutos a voz de assustado de Curi e o momentâneo silêncio da torcida, indicou pelo rádio que o Brasil passava por perigo em chute de Ghiggia. Mas o domínio do Brasil ainda era absoluto. O final do primeiro tempo não inquietou a torcida, a confiança na vitória ainda era enorme.

Para reafirmar essa confiança, aos 2 minutos, Friaça abriu o placar. Curi narrou desta forma o primeiro gol do Brasil:

Na ponta-direita para Friaça, que lutou contra Rodriguez Andrade e perdeu, mas Zizinho recupera. (torcida) mandam de novo os brasileiros para o ataque com Ademir, servido na entrada da área. (torcida forte) Empurrou para Friaça. Atenção! Entrou na área! Atirou...GOOOL! GOL BRASILEIRO! FRIAÇA! GOL BRASILEIRO! FRIAÇA! Estão reclamando! (Foguetes) Estão reclamando os uruguaios impedimento de Friaça! Não houve impedimento! Não houve impedimento! Obdulio Varela vai agora chorar lá com Mr. Ellis! Vai Augusto entretanto, fiscalizar a conversa de Obdulio com o bandeirinha. Importunado o bandeirinha Mr. Ellis por Obdulio Varela, que quer impedimento a todo custo. (...) Obdulio Varela continua reclamando. Agora o juiz mandou Obdulio tomar sua posição. (...) Não quer admitir mais reclamações o juiz da partida. Obdulio queria forçar o bandeirinha a dizer que foi impedimento. (CURI Apud PERDIGÃO, 1986, p.125)

A narração cita insistentemente o capitão uruguaio, Obdulio Varela. Sua forma de querer controlar (e conseguir) o jogo irritou a todos os presentes e após a narração de Curi o fez o homem mais odiado do Brasil. O gol dava uma vantagem enorme para o Brasil, que agora precisaria tomar dois gols para perder a Copa. A explosão do grito de campeão logo eclodiu no estádio. A torcida entrou em delírio e a festa, enfim, chegava a seu clímax. O jogo demorou 1 minuto e meio para recomeçar. O locutor Pedro Luiz, da Rádio Pan-Americana afirmou em sua narração que após o gol, “quase vai abaixo o Estádio do Maracanã” (LUIZ Apud PERDIGÃO, 1986, p.125)



Aos vinte minutos Schiaffino empatou. Cordeiro foi claro em sua narração que Bigode havia falhado, Pedro Luiz também. As narrações do rádio iam influenciar na escolha dos culpados pela derrota e estava claro para todo o Brasil que Bigode falhava no lance do gol. A torcida emudeceu, a confiança total no título era pela primeira vez em toda uma semana colocada à prova. Os narradores também demonstravam por sua voz que estavam tensos. O Brasil inteiro ficou ressabiado através do rádio. Essa aura de desconfiança entrou em campo e os jogadores também sentiram que não eram invencíveis, já os uruguaios começaram a acreditar que poderiam fazer o impossível: vencer o Brasil no Maracanã. Detalhe que o empate ainda dava o título aos brasileiros.

Nas arquibancadas, as pessoas se olhavam atônitas. Ninguém queria acreditar. Mudos de espanto, os torcedores esqueceram que o jogo prosseguia, que um gol nosso valia o título, pois jogávamos pelo empate. O silêncio foi tomando conta daquela multidão antes tão alegre e que tinha ido ali certa de sair noite a dentro pelas ruas do Rio a festejar o primeiro título mundial. Foi impressionante. O Maracanã parecia ter ficado vazio de repente. (MOREYRA Apud PERDIGÃO, 1986, p.135)

Aos 34 minutos de jogo o lance que não sai da retina dos presentes no Maracanã naquela tarde e da imaginação de todo um país que ouviu pelo rádio a seguinte narração de Antonio Cordeiro:

Míguez devolveu a Julio Pérez, que está lutando contra Jair, ainda dentro do campo uruguaio. Deu para Ghiggia. Guiggia devolveu a Julio Pérez, (Torcida) que dá em profundidade ao ponteiro-direito. Corre Ghiggia! Aproxima-se do gol do Brasil e atira! (Torcida) Gol! Gol do Uruguai! Guiggia! Segundo gol do Uruguai! Dois a um, ganha o Uruguai. (...) (CORDEIRO Apud PERDIGÃO, 1986, p.141)

A frase de Cordeiro onde afirma ganha o Uruguai sentenciou a derrota. Por mais que o Brasil ainda tentasse e quase conseguisse marcar o gol de empate, a partir daquele gol o país inteiro parecia não acreditar no que ouvia, “ganha o Uruguai”. Era um pesadelo, de qualquer ponto do Maracanã se ouvia os jogadores uruguaios comemorando, tamanho o silêncio. As pessoas demoravam para ir embora do estádio, parecia que ainda teríamos mais um tempo, mais uma chance, não era possível o Brasil perder.

Em toda fisionomia na massa de torcedores era sensível a depressão causada pelo desfecho do embate de ontem. Os bares, as “boites”, os locais onde se reúne a mocidade boêmia, estava triste. Os “fans” de football tiveram seu dia de amargura. (A NOITE SPORTIVA, 1950, 17/7 p.6)



A partir desse lance, desse gol, começam análises e discussões que nunca nenhum lance de nenhum esporte no mundo causou. A derrota foi tão sentida que foi explicada por vários aspectos que não o mais simples, o Uruguai jogou melhor e venceu. O Brasil já não era bom, já não prestávamos mais, a miscigenação tinha sido um erro, e uma série de outros pontos, todos focados em um só pensamento, não éramos capazes.

O silêncio do Maracanã entrou também para a História do Brasil. Daquele momento em diante, a identidade brasileira, tão vivamente construída durante as décadas de 1930 e 1940 a partir da noção de nossa singularidade residia na nossa diversidade racial, entrou em parafuso. (GUTERMAN, 2009, p.99)

A euforia inicial que o Brasil entrou através do rádio, agora era desfeita, em um passe de mágica, também através dele.

Bandeiras enroladas, lágrimas nos olhos, comércio fechado, ruas desertas, mortes provocadas pela tristeza. Unidos em torno da dor, os brasileiros procuravam respostas para a “derrota de todas as derrotas”. No entanto o nacionalismo, em gestação havia décadas, sobrevivia, embora cabisbaixo. Nacionalismo entristecido, silencioso, doloroso, mas nem por isso menos expressivo. A derrota da seleção do Brasil assemelha-se à morte de um presidente da República. (FRANCO, 2007, p.91)

As raízes sociais brasileiras pregadas por Vargas vieram à tona. Os culpados pela derrota, Bigode e Barbosa eram negros. O país que se orgulhava de ter a miscigenação como fator diferencial entre os outros povos agora via nesse fator a causa de nossa maior desgraça. O técnico Flávio Costa também foi culpado, e talvez por isso, não conseguiu se eleger vereador. O Brasil não tinha perdido para os bravos uruguaios, mas para si próprio. Para seu otimismo exagerado, para seus jogadores sem brio, pela mudança de concentração, pelo oba-oba, para a falha de Bigode, para o frango de Barbosa, para os negros...

O Brasil que o rádio tinha ajudado a construir nas décadas de 30 e 40, sofria um duro golpe naquela tarde. O que era para ser uma festa se transformou em um velório, na maior tragédia nacional.

A transmissão do rádio foi tão marcante e tão impressionante que na Rua do Monte, número 71, no bairro da Gamboa, um sargento reformado da Marinha, de 58 anos, fã de Ademir não resistiu ao ouvir a narração do gol de Guiggia. Ele estava com



os vizinhos ouvindo a transmissão, preparando a festa, e sofreu um infarto fulminante. Sua última frase foi: “Perdemos o jogo”. O título da matéria do jornal *A Noite* indicava a dor da derrota e como o rádio e futebol podem mexer tanto com as emoções das pessoas: “Morreu de emoção ao ouvir o tento da derrota.” (A NOITE SPORTIVA, 17/7/1950, p.1). Fala-se que outras duas pessoas morreram por infarto naquele dia. A derrota foi encarada como uma morte para todos os brasileiros:

Parecia uma faticidade, contra a qual nada há a fazer, a versão tropical do niilismo nórdico, segundo o qual a vida é uma sucessão de perdas até chegar à morte, último revés. (...) Nessa concepção, a perda do título representou em campo simbólico a própria morte, porta fechada atrás da qual nada existe, e contra a qual se revolta, embora inerme, a consciência do homem, esse clarão no caos mecânico e hostil do mundo objetivo. A derrota de 50, para os brasileiros, traduziu metaforicamente a luta tenaz e inglória do homem contra a morte: nossa vida vence algumas batalhas para perder justamente a última e decisiva. (PERDIGÃO, 1986, p.40)

Após uma tristeza tão grande o Brasil demoraria a se encontrar como Brasil. Coube a Pelé e Garrincha reafirmar o orgulho do brasileiro pelo seu país e nos dar a certeza que tínhamos o melhor futebol do mundo. Mas isso, apenas 8 anos depois.

### **Considerações Finais**

O rádio foi o grande alicerce na construção da identidade nacional e por mais que outros veículos tenham ajudado a moldar e dar corpo a essa obra, o rádio terá sempre seu papel fundamental: o da base de tudo. Por mais que a TV absorva grande parte do mercado publicitário, o rádio ainda a influencia e continua sendo o mais imediato veículo de serviço público do país.

Não só na Copa de 1950, mas em todas em que vivia a sua Era de Ouro, o rádio ditou as pautas e as coberturas. Todo o clima de nacionalismo, de euforia na vitória e tristeza na derrota, surgiu com o rádio. E perdura até hoje. A TV narra o jogo no mesmo estilo do rádio, com emoção, mesmo sendo óbvio descrever o que já estamos vendo. As características do rádio precisam estar presentes para transmitir a mesma paixão e emoção do jogo. Dessa forma ele continua vivo nas coberturas das Copas do Mundo e nas transmissões esportivas. Os radinhos, hoje dão lugar aos celulares modernos que tem acesso ao rádio e que continuam sendo fonte de informação e de emoção no esporte para o ouvinte.

O choro nacional demonstrou o poder de mobilização do veículo e indicava que ao se juntar futebol e rádio, nenhum dos dois jamais seria o mesmo.



O rádio no Brasil não foi apenas um veículo de comunicação de massa, foi uma escola de artistas, uma caixinha mágica sagrada que faz parte da vida de toda uma legião de brasileiros.

### Referências

DUARTE, Orlando. **Pelé, o supercampeão**. São Paulo: Makron Books do Brasil Editora Ltda, 1993.

FILHO, Barbosa. **Brasil em Copas do Mundo**. São Paulo: Editora Panorama, 2004

FRANCO, Hilário Jr. **A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV: O jogo da narração**. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Rio de Janeiro, 2006. Tese(Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

MONTEIRO, Emmanuel Grubisich. **A Experiência do Rádio na formação do narrador de Futebol televisivo**. In: Intercom, 2007, Santos-SP. Intercom Nacional 2007. Santos: INTERCOM, 2007, v.1

Noite Sportiva. **A Noite**, Rio de Janeiro, 1mai-30jul 1950

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. São Paulo: LPM, 1986

RIBEIRO, Luiz Carlos. **Brasil: futebol e identidade nacional**. Departamento de História. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: [HTTP://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm](http://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm). Acesso em: 20mar.2010

SANTOS, Nilton. **Minha bola, minha vida**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.